

A BIOLOGIA COMO CIÊNCIA RESPONSÁVEL PELO RACISMO ESTRUTURAL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CIENTÍFICOS E POLÍTICO-FILOSÓFICOS

Manuel Alves de Sousa Junior¹

Resumo: O objetivo do estudo aborda aspectos importantes sobre como a biologia foi utilizada para legitimar o racismo estrutural presente atualmente no Brasil. Para isto, foi realizada uma pesquisa sobre como as então ciências: Eugenia, higiene, sanitarismo, frenologia, darwinismo social e antropologia criminal, consideradas como as Teorias Raciais do Século XIX, utilizaram os aspectos biológicos para justificar uma suposta superioridade de grupos humanos sobre outros, sobretudo de brancos sobre não brancos. Nesse sentido, para um completo entendimento foi necessário também abordar no estudo os aspectos históricos, como a escravidão, a conferência de Berlim com consequente partilha da África pelos países europeus, colonialismo e imperialismo, situação europeia e brasileira em fins do século XIX e início do século XX. Os mitos da democracia racial e do fardo do homem branco ajudam a entender a legitimação da superioridade branca que se buscava. Como embasamento teórico, filosófico e político, o artigo traz Michel Foucault com a biopolítica, o poder e o racismo de Estado, Giorgio Agamben com a vida nua, Achille Mbembe com a necropolítica e Judith Butler com a precariedade, que com seus conceitos ajudam a entender e refletir sobre o tema e suas reverberações para a atualidade do racismo brasileiro. Como reflexões finais, trazemos que a biologia, enquanto ciência, não pode ser culpabilizada, no entanto, é inegável que foi utilizada por intelectuais brasileiros para legitimação da superioridade branca e ajudou na instituição do racismo estrutural, individual e institucional no Brasil.

Palavras-chave: Racismo científico; Racismo estrutural; Teorias raciais; Biologia.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Paulo Ricardo. **Educar, Higienizar e Regenerar:** uma história da eugenia no Brasil. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. 228 p.

DAMON, Pierre. **Médicos e assassinos na Belle Époque:** a medicalização do crime. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. Tradução de Regina Grisse de Agostino.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade:** Curso no Collège de France (1975- 1976). 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p. Tradução de: Maria Ermantina Galvão.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão.** São Paulo: Unesp, 2006.

MBEMBE, Achille. "Necropolítica". **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, v. 2, p. 122-151, 2016.

¹ Biólogo, Historiador, Doutorando em Educação pela UNISC, Docente do IFBA campus Lauro de Freitas, Membro do Grupo de Pesquisa Identidade e Diferença na Educação e do Observatório de Biopolítica. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: manueljunior@ifba.edu.br